

ENTREVISTA COM HUMBERTO WERNECK¹

Ana Clark: *Para realizar suas reportagens sobre Chico Buarque, imagino que deve ter tido vários encontros com ele, não? Mas quando tudo começou, ou seja, quando você o conheceu?*

Humberto Werneck: Conheci o Chico em Belo Horizonte, em março de 1966. Ele veio a BH com Roberto Freire, escritor e psicanalista que tinha sido muito importante na encenação de *Morte e vida severina*. E algo engraçado: vieram os dois de *Kombi*. Curiosamente, a grande figura da viagem não era o Chico Buarque e, sim, o Roberto Freire, que havia escrito um romance, hoje totalmente desaparecido, chamado *Cleo e Daniel*, e veio lançá-lo em BH. Enfim, conheci o Chico aqui e foi quando ouvi pela primeira vez “Olê olá” (nem sei se já estava gravada), no pátio da PUC, na Praça da Liberdade; foi um alumbramento para todos nós. O contato seguinte aconteceu em 1978-79, quando a revista *Playboy* me pediu para entrevistá-lo (eu trabalhava na *Veja* nessa época). Ele ficou meio relutante, depois aceitou, fizemos várias sessões de entrevistas na sua antiga casa, na Gávea, não sem alguns pequenos desentendimentos, mas no final concordou com a publicação da reportagem. Depois nos reencontramos em Havana; viajamos juntos para Cuba em 1985, numa grande caravana da qual faziam parte Antonio Candido, Bresser Pereira, entre outros. Mais tarde, em 1989, Luiz Schwarcz, da editora Companhia das Letras, lhe propôs o meu nome, entre o de algumas outras pessoas que poderiam escrever um texto para acompanhar um livro de letras cuja publicação ele tinha convencido o Chico a aceitar, que é o *Chico*

¹ Jornalista e escritor nascido em Belo Horizonte, em 1945, Humberto Werneck é autor, entre outros trabalhos, de *O desatino da rapaziada*, *O pai dos burros*, *O santo sujo: a vida de Jayme Ovalle* e *O espalhador de passarinhos*. Sobre Chico Buarque, publicou a reportagem biográfica “Gol de letras”, inserida em *Chico Buarque: letra e música* (1989), posteriormente ampliada e publicada em *Tantas palavras* (2006). Atualmente, escreve aos domingos no jornal *O Estado de S. Paulo*. A entrevista aqui reproduzida consiste num apanhado de longa conversa mantida com Humberto em abril de 2016, em BH.

Buarque: letra e música. E Chico me escolheu, creio que porque algum mérito deveria ver em meu trabalho, já que não éramos amigos (nunca fomos amigos, aliás), o que evitaria certo compadrio. Foi uma experiência muito legal. Fui ao Rio algumas vezes para ouvi-lo em sua casa, sem gravador, gravei apenas 5 minutos, porque eu queria que ele ficasse bem formalizado quando lhe fizesse certas perguntas envolvendo questões melindrosas – por exemplo, sobre suas relações com o Partido Comunista. Entrevistei-o várias vezes (perdi a conta delas), depois ouvi diversas outras pessoas, porque para esboçar um perfil é preciso escutar quem está em torno, são necessários outros olhares. Eu fazia os capítulos (que eram quatro), tendo optado por algo que chamei de “reportagem biográfica” (inventei esse nome, que, aliás, prosperou depois), e os mostrava a ele. Era um livro autorizado, isso foi previamente estabelecido. E ele se mostrou extremamente respeitoso com o que eu lhe apresentava; só em dois casos me pediu que retirasse algumas coisas. Foi extremamente cooperativo. Quando eu lhe levava o que havia encontrado, ficava encantado, às vezes, e dizia: “Nossa, que bacana, então você descobriu isso? E tem mais isso, isso e isso”. Foi interessante, porque ao que eu levava, ele acrescentava novas informações. Mesmo algo que poderia ser complicado, como o episódio de sua prisão por ter furtado um carro para passear com amigos, na adolescência, cuja notícia eu encontrei num velho jornal, com aquela foto conhecida que traz uma tarja preta, Chico achou ótimo e me deu mais detalhes do ocorrido.² Eu não fechei a história completa na primeira versão, mas em *Tantas palavras* voltei ao assunto, pude reconstituí-lo integralmente, graças ao esforço de outros jornalistas. Uns quinze anos mais tarde, quando fui escrever outro capítulo, para a segunda versão, reli o que tinha escrito, refiz tudo, e o texto aumentou 75%. Nesse novo momento, tivemos mais conversas, mais bate-bola. Posso, aliás, um material grande que gravei com ele. Depois disso, batemos algumas bolinhas, por *e-mail*, em torno da sua ficção. Sobre seus romances, aliás, penso o seguinte: desde *Estorvo*, Chico estaria procurando uma quimera, o que chamo de uma ficção absoluta, como se fosse possível você fazer algo em que você não estivesse. Mas em *Leite derramado* eu reconheci muito dele, várias, várias coisas. Primeiro, o

² Em 1993, o CD *Paratodos*, de Chico Buarque, reproduz essa foto, além de trazer uma canção composta por ele sobre o episódio em questão, e intitulada justamente “A foto da capa”.

nome do narrador (Eulálio), que é o seu tataravó baiano. E eu lhe disse isso, que era o seu livro de que eu mais tinha gostado porque ele estava usando mais o seu magma, com muitas referências de sua vida. Mas, a meu ver, Chico normalmente se recusa a escancarar suas chaves de leitura e me respondeu que não tinha pensado nisso e, sim, em eulalia.³ Ainda em *Leite derramado*, há referência a uma audiência com o papa Pio XII, e ele mesmo tinha me contado que, morando na Itália, durante a infância, Dona Maria Amélia havia levado a filharada para conhecer o papa (eu pus isso em *Tantas palavras*), e uma das meninas, ao vê-lo entrando em sua cadeira, exclamou: “Ah, a papa é folgada!” Já quanto a seu último romance, essa história do irmão alemão é curiosa, porque desde que Chico ficou sabendo, na juventude, por intermédio de Manuel Bandeira, da existência de um irmão na Alemanha, o fato começou a aparecer constantemente: em conversas que ele mantinha com outras pessoas, em sua obra, em sua música. Por exemplo, o Julinho da Adelaide tinha um irmão chamado Leonel de Oliveira Kuntz.⁴ Na célebre entrevista concedida a Mario Prata, ele diz que Adelaide, mãe do Julinho, “se casou várias vezes, mas se casou sempre”. Sérgio Buarque de Holanda, seu pai,

³ Em entrevista à jornalista portuguesa Isabel Coutinho, Chico reitera o que dissera a Humberto: “O nome Eulálio é um nome que existe na minha família e que se repete. Meu tetravô e também um tio se chamavam Eulálio. O curioso é que o nome não foi pensado no início, mas há essas coincidências que são instigantes. [...] Já com o livro encaminhado fui descobrir o significado da palavra eulalia [...]. A eulalia é o falar agradável. Eu não sabia disso quando dei o nome de Eulálio. Mas no meio do caminho eu me interessei: Eulálio, de onde vem isso aí? A eulalia significa fluência no falar. [...] o nome honestamente não foi escolhido por isso, mas poderia ter sido. Tem a ver com esse desejo do velho de falar, de falar, de falar, de encontrar interlocutores e quando não há interlocutores ele inventa, ele confunde. E quando não há nenhum mesmo, ele fala para as paredes, mas não pára de falar” (BUARQUE. Mas Chico é nome de escritor ruim. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=leite_critica.htm>).

⁴ Em 1974, para escapar dos constantes vetos às suas composições feitos pelos censores da ditadura, Chico cria o personagem Julinho da Adelaide, a quem são atribuídas as canções “Acorda, amor”, “Jorge maravilha” e “Milagre brasileiro”, que acabam passando sem problemas pela censura. Para dar mais veracidade à história, o suposto Julinho concede ao jornalista e escritor Mario Prata uma longa entrevista (“O samba duplex e pragmático de Julinho da Adelaide”) para o jornal *Última Hora*. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_07_09_74.htm>.

estava presente, tendo ido, inclusive, a seus alfarrábios e conseguido, creio que num livro de etnografia, a foto de uma mulher negra para dar um rosto a Adelaide. Uma das vezes em que ela se casou teria sido com um alemão, que era o tal Kuntz. Por isso, Julinho tem um irmão “meio alemão” (não um “meio-irmão” alemão), que é o Leonel. Na mesma entrevista, Julinho apresenta esse irmão como uma espécie de agente que lhe presta serviços. Valeria a pena alguém fazer essa pesquisa, pois existem várias referências a um irmão alemão, muito antes de o romance ser escrito.⁵ E Chico me contou, quando eu estava refazendo meu texto para *Tantas palavras*, que, na época em que *Estorvo* foi publicado na Alemanha, ele procurava, em entrevistas, falar desse episódio da vida do pai, na tentativa de encontrar seu irmão. Ele próprio andou pesquisando, eu mesmo pesquisei, isto é, pedi a outros que pesquisassem, mas não achamos nada, até porque procurávamos por Ernest (por causa da mãe do irmão, Anne Ernest), e não era mais este o seu sobrenome, uma vez que ele tinha sido adotado por outra família.

AC: *Considerando o grande conhecedor que você é da vida e mesmo da obra de Chico Buarque, minha pergunta é provocada de alguma maneira por um depoimento feito há um bom tempo por Ruy Guerra e intitulado “Chico de Hollanda, de aqui e de alhures”. Após afirmar que ele é “cavalo de sambistas, alquimistas, menestréis, mundanas”, que tem “a alma à deriva”, Guerra conclui: “Chico Buarque não existe, é uma ficção, saibam. Inventado porque necessário, vital, sem o qual o Brasil seria mais pobre, estaria mais vazio, sem semana, sem tijolo, sem desenho, sem construção”. E para você, quem é Chico Buarque? Como o definiria em poucas, algumas ou mesmo em tantas palavras?*

⁵ Por exemplo, em entrevista concedida a Augusto Massi e publicada na *Folha de S. Paulo* em 9 de janeiro de 1994, quase vinte anos antes da publicação de *O irmão alemão*, Chico aborda o assunto e conta sua reação ao ter conhecimento da existência de um filho alemão de seu pai: “Eu fiquei meio chocado”. E comenta sua procura infrutífera pelo irmão já nessa época: “Sabemos que ele ficou em Berlim, mas se no Leste ou Oeste, se morreu na Guerra, se a mãe contou ou não contou, isso não se sabe” (BUARQUE. Chico volta ao samba e rememora 30 anos de carreira. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_09_01_94.htm>.

HW: Eu vejo o Chico como um músico excepcionalmente envolvido com a palavra. Gostaria até de fazer uma pequena digressão. Certa vez, muito tempo atrás, na época de lançamento de *Estorvo*, numa entrevista que fizemos Fernando Morais, Eric Nepomuceno e eu, para uma revista do Memorial da América Latina, a certa altura eu lhe perguntei se colocaria, no seu panteão das artes, a literatura acima da música e se não estaria mudando de meio de expressão. Ele protestou, dizendo que de forma alguma isso estava acontecendo. Mais recentemente, já admite, se não a mudança de meio de expressão, a incorporação num território muito maior do que o de antes, que é o da literatura. Acho que ele deseja ser reconhecido como escritor. E o que mais me chama atenção em sua obra, insisto, é o trabalho com a linguagem, ele é um grande ourives, e não só no “tiro curto” que é a letra de música. Certa vez eu lhe perguntei por que não escrevia contos, e me respondeu que a empreitada de achar um assunto, e começar a escrever, é tão grande, que é preferível, uma vez encontrada a ideia, deixar que ela se desenvolva num romance, pois contos implicariam vários começos. Quanto ao seu processo de criação, que é algo que me interessa muito, nas conversas para a reportagem biográfica eu lhe perguntava com frequência como nasciam suas canções. Uma vez conversamos muito sobre isso, e no dia seguinte, quando cheguei a sua casa, ele me disse: “Você vai gostar disso aqui”. E me entregou uma fita cassete onde está registrada a gênese de “Vai passar”. Nela, ele faz acertos musicais numa composição para o espetáculo *Dr. Getúlio*: está no violão e, de repente, no meio da música, a interrompe e, naquela canção já quase finalizada, se insinua uma outra coisa. Como se de uma árvore, uma goiabeira, por exemplo, nascesse um ramo de laranjeira. Eu achei aquilo emocionante. Ele fica meio hesitante, e é possível percebermos que há ali alguma coisa muito fetal. Aliás, na fita, em outro momento, ele tenta trabalhar um pouco essa coisa fetal, busca desenvolvê-la, mas a música só iria ser concluída no estúdio. Ainda nessa fita há também algumas hipóteses de letra que ele ensaia e que já remetem a “Vai passar”. É lindo isso, é maravilhoso. Já como romancista, acho que o forte de Chico é *estar escrevendo*, estar trabalhando, lidando com as palavras, e não o destino dos personagens, o enredo em si. Penso que ele se compraz muito em criar. É o que me captura, como seu leitor, esse prazer da viagem nas palavras, sua ourivesaria. Lendo *O irmão alemão*, por exemplo, eu “pesquei” vários decassílabos sáficos, heroicos, diversos alexandrinos (tenho até uma lista não exaustiva deles). É o que mais me agrada na

leitura de seus livros; aliás, cheguei a comentar a respeito numa crônica publicada no *Estado de S. Paulo*.⁶

AC: *Já há um bom tempo, a crítica universitária na área de Letras tem se interessado muito pela dita “crítica biográfica”, em moldes bastante distintos, no entanto, dos estudos biográficos positivistas do século XIX, em que se buscava, exaustivamente, cercar toda a vida de um escritor, a fim de que esta explicasse sua obra. Ela difere também de certa crítica jornalística atual, ansiosa pela exatidão e veracidade dos fatos e interessada em atingir toda a verdade de um artista ou escritor. Sua reportagem biográfica, contudo, caminha em outra direção, apresentando-nos, saborosamente, ainda que em ordem cronológica, flashes da vida-obra de Chico. E eu me lembro da noção de “biografema” forjada por Roland Barthes, que visa os pormenores, os gostos, algumas inflexões relativas a um autor, imagens fragmentárias, enfim, que fogem a qualquer projeto de completude e fechamento. Nessa perspectiva, que “biografema(s)” você destacaria na vida-obra de Chico Buarque?*

HW: A meu ver, a questão do pai é fortíssima. Chico parece ter certa cerimônia e ao mesmo tempo uma veneração por ele. Sua figura é majestosa, avassaladora, “catedralesca”, diria o Nelson Rodrigues. E a literatura foi a maneira que encontrou para chegar ao pai: escrever alguma coisa, e o pai opinar. Aquele pai encafudado lá em cima, no seu escritório, em que só uma das meninas era admitida. Ele me contou (e eu pus isso no texto de *Tantas palavras*) que escrevia algo, levava para o pai ler, descia com o coração aos saltos e ficava lá embaixo esperando que o chamasse. Não quero bancar o psicólogo, mas acredito que seja aquele velho sentimento de um menino achar que só vai ser gostado pelo pai se for igual a ele. Mais tarde, ele ia para a Faculdade e levava livros da biblioteca de Sérgio debaixo do braço (por exemplo, a primeira edição de *Macunaíma*, autografada pelo autor), até que um professor lhe deu uma bronca por andar com uma preciosidade como aquela para cima e para baixo. Eu acho que ele desejava e deseja até hoje se mostrar aos

⁶ Trata-se da crônica “Chico no pré-sal”, publicada em 14 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,chico-no-pre-sal-imp-,1603415>>. Acesso em 15 jan. 2015.

olhos do pai desta forma: “Olha, eu sou um dos seus”. O pai é, de fato, uma figura muito imponente.

AC: *Na sua reportagem biográfica inserida em Tantas palavras, você introduziu o capítulo “No tempo da delicadeza”, numa referência explícita aos belos versos de “Todo o sentimento”. Hoje, passados dez anos da publicação, considerando que a vida do Chico (como a de todos nós, aliás) deu muitas voltas, que sua obra foi significativamente expandida e, digo mais, nesses nossos tempos atuais tão carentes de delicadeza, se você fosse ampliar sua reportagem biográfica, que título daria a um novo capítulo?*

HW: Acho que o tempo do Chico é o da delicadeza. Não consigo imaginar algum título que não seja: “O tempo da delicadeza II, o retorno” [risos].

Referências

BUARQUE, Chico. Chico volta ao samba e rememora 30 anos de carreira. Entrevista concedida a Augusto Massi. [s.d.]. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_09_01_94.htm>. Acesso em: 12 set. 2012.

BUARQUE, Chico. Mas Chico é nome de escritor ruim. Entrevista concedida a Isabel Coutinho. [s.d.]. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=leite_critica.htm>. Acesso em: 10 out. 2010.

JULINHO DA ADELAIDE. O samba duplex e pragmático de Julinho da Adelaide. Entrevista concedida a Mário Prata. [s.d.]. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_07_09_74.htm>. Acesso em: 29 abr. 2016.

WERNECK, Humberto. Chico no pré-sal. *Estadão*, São Paulo, 7 dez. 2014. Cultura. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,chico-no-pre-sal-imp-,1603415>>. Acesso em: 15 jan. 2015.